

opci3n

Revista de Antropologfa, Ciencias de la Comunicaci3n y de la Informaci3n, Filosoffa,
Lingüística y Semiótica, Problemas del Desarrollo, la Ciencia y la Tecnología

Año 32, agosto 2016 N°

80

Revista de Ciencias Humanas y Sociales

ISSN 1012-1587

Depósito Legal pp 198402ZU45



Universidad del Zulia
Facultad Experimental de Ciencias
Departamento de Ciencias Humanas
Maracaibo - Venezuela

Opción, Año 32, No. 80 (2016): 36-65
ISSN 1012-1587

Estratégias de formação dos ciberjornalistas no contexto das redações convergentes e 2.0: A simulação de ambientes profissionais através de ID126 (Brasil) e RedaCCiber (Espanha)¹

Juliana TEIXEIRA

Universidade Federal da Bahia (Brasil)

teixeira.juliana.rj@gmail.com

Ainara LARRONDO

Universidad del País Vasco (Espanña)

ainara.larrondo@ehu.es

Resumo

O artigo discute a necessidade de adaptação dos processos de aprendizagem dos estudantes para as redações multiplataforma. Com esse objetivo, as autoras se dedicam às estratégias de ensino realizadas em seus respectivos países, através dos produtos ID126 (Brasil) e RedaCCiber (Espanha). O texto examina, portanto, questões de investigação como: 1) as competências e funções desempenhadas pelos alunos; 2) a importância da integração teoria-prática; e 3) a experimentação com técnicas inovadoras de narrar. Conclui-se que embora o ensino do jornalismo on-line admita diferentes abordagens, deve ajustar o nível de conhecimentos dos alunos para torná-los capazes de editar e relatar histórias digitais.

Palavras-chave: Ciberjornalismo; Ensino universitário; Produtos jornalísticos multimídia; Novos perfis profissionais.

Estrategias de formación de los ciberperiodistas en el contexto de las redacciones convergentes y 2.0: La simulación de entornos profesionales a través de ID126 (Brasil) y RedaCCiber (España)

Resumen

El artículo aborda la necesidad de adaptación de los procesos de aprendizaje de los estudiantes para las redacciones convergentes y multimedia. Con este fin, el trabajo centra su interés en definir las estrategias de enseñanza llevadas a cabo en una universidad brasileña y española, a través de los productos mediáticos ID126 y RedaCCiber, respectivamente. El texto analiza así cuestiones de relevancia a nivel de metodología docente, tales como: 1) las competencias adquiridas por el alumnado y las tareas teóricas y prácticas necesarias para su adquisición; 2) la importancia de ofrecer una perspectiva integradora entre teoría y práctica; y 3) la necesidad de experimentar con técnicas narrativas innovadoras. Según las conclusiones del estudio, si bien la enseñanza del periodismo en Red admite diferentes enfoques docentes, es importante adaptar el proceso de enseñanza-aprendizaje a partir de entornos simulativos y colaborativos, centrados en la producción informativa a partir de uno o más formatos de medios, y en función de técnicas narrativas específicas del ámbito digital.

Palabras Clave: Ciberperiodismo; Enseñanza universitaria; Productos periodísticos Multimedia; Nuevos perfiles profesionales.

Teaching strategies of cyberjournalists in converging and 2.0 newsrooms context: the simulation of professional environments

through ID126 (Brazil) and RedaCCiber (Spain)

Abstract

This article discusses the need of adapting the students' learning processes to the multiplatform newsrooms. With this aim, the authors pay attention to the teaching strategies carried out in their respective countries, through the products ID126 (Brazil) and RedaCCiber (Spain). Thus, the text examines research questions such as 1) the skills and functions performed by the students; 2) the significance of theory and practice integration; and 3) the experimentation with innovative storytelling techniques. The article concludes that even if online journalism teaching admits different approaches, it must adjust students' level of expertise for making them capable of editing and reporting digital stories.

Keywords: Digital journalism; University Teaching; Multimedia journalistic products; New Professional Profiles.

INTRODUÇÃO

Uma das principais e, talvez, mais apropriadas estratégias contemporâneas para capacitar os jornalistas para a era digital é considerar a web enquanto um âmbito que impacta a profissão informativa em suas múltiplas facetas (estratégia de conteúdos, relação com as audiências, dispositivos de produção e distribuição etc). É verdade que muitas universidades ainda utilizam as tecnologias de comunicação apenas como ferramentas auxiliares no ambiente de aprendizagem; porém, já existem iniciativas relevantes que utilizam o ciberespaço enquanto um fator constitutivo do processo de formação de novos jornalistas.

Este é o caso dos produtos universitários de Jornalismo Digital, os quais adotam uma estrutura voltada à capacidade de reflexão e produção orientada dos alunos, embasando e fomentando a compreensão de que a tecnologia não é um simples meio, tampouco um fim em si mesma. Consideramos, portanto, a relevância desses produtos enquanto espaços que, a partir das experimentações empreendidas, podem contribuir para a redefinição de conceitos do Jornalismo Digital e para a renovação das estruturas de ensino-aprendizado nessa área, sobretudo.

É partindo desses pressupostos que o objetivo do artigo é identificar estratégias de ensino que se mostrem apropriadas e importantes para a elaboração dos produtos *ID126* (<http://imprensaodigital126.com.br/>) e *RedaCCiber* (<http://redacciber.blogspot.com.es>), cuja produção tem sido coordenada e acompanhada durante o ano de 2015 pelas autoras do artigo (Juliana Teixeira e Ainara Larrondo) em seus respectivos países e universidades (Brasil – Universidade Federal da Bahia e Espanha – Universidad del País Vasco).

O Impressão Digital 126 é um produto laboratorial realizado pelos alunos de COM126 – Oficina de Jornalismo Digital, disciplina do sexto período na grade curricular de Jornalismo da Faculdade de Comunicação (Facom) da Universidade Federal da Bahia. Foi criado no primeiro semestre de 2011 e busca a articulação e a experimentação de formatos. Desde o segundo semestre de 2012, passou a ter três edições por turma. A exploração da linguagem hipertextual e multimídia é um norte para a estruturação e a organização do conteúdo no *ID126*. A linha editorial desse produto laboratorial está baseada na pluralidade para abordagem de questões, as quais têm sido ultimamente abordadas em profundidade por meio de dossiês temáticos. No primeiro semestre de 2015, os dossiês do *ID126* exploraram os temas Trabalho, Educação e Transporte.

RedaCCiber é o nome dado ao blog da disciplina obrigatória e semestral *Redacción Ciberperiodística*, oferecida no segundo período dos cursos de Jornalismo, Comunicação Audiovisual e Publicidade-Relações Públicas da Faculdade de Ciências Sociais e

da Comunicação da Universidad del País Vasco/Euskal Herriko Unibertsitatea (UPV / EHU). Como resultado da Reforma de Bolonha – que trouxe mudanças aos currículos, visando à adaptação ao Espaço Europeu de Ensino Superior (EEES) – esta disciplina começou a ser ofertada no semestre 2011/2012, com o objetivo de desenvolver a capacidade criativa e inovadora dos alunos, bem como a habilidade de interagir com o público e as fontes. Especificamente, pretende melhorar as competências necessárias para a produção de conteúdos adaptados às potencialidades do meio on-line e para o desenvolvimento de projetos multiplataforma de maneira colaborativa. Para isso, os alunos são divididos em grupos de quatro ou cinco pessoas, cada um responsável por elaborar seu próprio blog, em que os estudantes difundem suas práticas no formato de diferentes gêneros ciberjornalísticos. Essa produção dos alunos é acessada por meio de um blog elaborado pela professora para cada uma das turmas de cada curso acadêmico, como um “laboratório de práticas”.

Em suma, ao longo do presente artigo, buscaremos demonstrar como os produtos jornalísticos universitários podem se constituir em um território experimental diferenciado de apropriação das tecnologias digitais, em especial no que se refere à exploração da multimidialidade, a partir do estudo desses dois casos. O estudo de caso é considerado, aqui, portanto, enquanto uma das principais estratégias metodológicas, com o objetivo de ampliar a descrição, a explicação e a compreensão do objeto. Trata-se de uma metodologia que pode se basear em provas, ao mesmo tempo, quantitativas e qualitativas (Yin, 2005).

Iniciamos o artigo discutindo as demandas emergentes para o ensino da multimidialidade aos novos profissionais. Afinal, é cada vez mais essencial transmitir aos estudantes de Jornalismo, simultaneamente, conhecimentos acerca das novas tecnologias e técnicas digitais e acerca das novas condições do exercício da profissão.

Em seguida, elencamos algumas das iniciativas e estratégias que têm sido utilizadas, nesse sentido, nos produtos jornalísticos digitais universitários:

a) Intercâmbio de competências e funções desempenhadas pelos estudantes – o ciberjornalista, além da sua função tradicional de mediador, intérprete e gestor dos fatos sociais, adquire outras responsabilidades, o que exige competências de áreas diversas, bem como uma integração, intercâmbio e revezamento na equipe;

b) Integração entre teoria e prática – um dos desafios do ensino contemporâneo de jornalismo é dotar os novos profissionais de conhecimentos teóricos e práticos sobre as características fundamentais do jornalismo na *web*, até porque o mercado de trabalho demanda, sobretudo, que os jornalistas sejam capazes de compreender e pensar o meio digital como um todo;

c) Busca pela experimentação e inovação – a sociedade contemporânea requer exponencialmente a inovação nas formas de apropriação das tecnologias, de forma a garantir um uso experimental e criativo das novas plataformas; panorama esse que aponta para a necessidade das iniciativas de ensino do jornalismo na Internet buscarem ser ativadoras de processos de mudanças estruturais no ciberjornalismo.

1. DEMANDAS EMERGENTES DO ENSINO DO JORNALISMO DIGITAL E MULTIMÍDIA

As tecnologias digitais de comunicação têm demandado mais competências e habilidades dos futuros jornalistas. Um dos mais atuais e constantes desafios apresentados a esses profissionais é que sejam preparados para gerar um jornalismo mais crítico e responsável, com diversidade e cotejo de fontes, garantia de expressão dos diferentes grupos sociais e contextualização das informações (Alsina, 2009). Para que os futuros jornalistas estejam prontos ou, ao menos, munidos de ferramentas para lidar com todas essas exigências, a atuação nos meios de comunicação universitários é cada vez mais necessária.

Nesse sentido, tornam-se relevantes, em tais ambientes acadêmicos, questões como: a) a busca por fontes alternativas e

autônomas de saber, levando em consideração a diversidade cultural e a abertura para outros sujeitos culturais na fundamentação das reportagens; b) a orientação por pautas pluralistas; c) a redução das reportagens factuais, as quais cedem espaço para as de análise; d) a minimização do objetivo de conquista de mercado e de audiência, embora a busca por espectadores seja inerente a qualquer produção jornalística; e e) a intenção central passa a ser contribuir com a formação cultural, política e intelectual permanente da sociedade, através da oferta de informações jornalísticas diferenciadas e críticas (Brinati & Guimarães, 2009; Rincón, 2002).

Machado (2007) propõe que as iniciativas de ensino do jornalismo na Internet precisam buscar se constituir enquanto espaços para práticas inovadoras de apropriação da informação. Afinal, no mercado de trabalho atual, exige-se não apenas que os jornalistas tenham múltiplas competências no emprego das tecnologias e plataformas (Domínguez, 2015; Barbosa et al, 2013; Quinn, 2005), mas, sobretudo, que sejam capazes de oferecer respostas sociais, econômicas e profissionais às questões que se apresentam (Deuze, 2004; Sousa, 2004; Gutsche Jr., 2011). Soma-se a esse panorama o fato de que a utilização da Internet por tais iniciativas universitárias, além de viabilizar que a produção jornalística realizada pela universidade seja difundida para um público mais amplo e diferente do dos meios de comunicação educativos e comerciais, possui custos considerados pequenos se comparados às produções tradicionais (Calligaro, 2009).

Por outro lado, Brasil (2002) critica que, muitas vezes, as experiências de jornalismo universitário, em especial o audiovisual, utilizam tecnologia de ponta e empregam técnicos especializados, mas afastam os estudantes. Ou seja, ter equipamentos modernos e equipes estruturadas não tem sido sinônimo de um processo de ensino-aprendizagem eficiente. De qualquer forma, algumas experiências de jornalismo universitário digital já se apresentam enquanto alternativas para essas questões. Embora nem sempre tenham equipamentos adequados ou equipes completas, têm empreendido esforços para não deixarem de fazer com que os alunos sejam peças fundamentais no processo de

produção. Essas iniciativas contemplam a ideia defendida por Fidalgo (2001) de que talvez a melhor maneira de formar jornalistas para a era digital seja utilizar desde logo a *web* na sua formação.

Verifica-se, portanto, o potencial dos produtos acadêmicos de ciberjornalismo para promover experimentações acerca do ensino do jornalismo digital e multimídia, campo em que é preciso, cada vez mais, redefinir conceitos, elaborar novas estruturas e plataformas de pesquisa e empreender renovações constantes de acordo com as alterações do contexto tecnológico (Caraballo, 2013; Affini & Burini, 2009; Pase, 2008). Porém, para que tais potencialidades sejam efetivadas, é fundamental que seja estimulado nos estudantes um perfil que integre competências e funções, teoria e prática, e conhecimentos tradicionais e inovadores (pontos que serão discutidos nas seções que se seguem). Até porque, na cadeia de valor da informação contemporânea, mais do que a tecnologia, são os profissionais que farão a diferença.

2. INTERCÂMBIO DE COMPETÊNCIAS E FUNÇÕES DESEMPENHADAS PELOS ESTUDANTES

Preparar um conteúdo ciberjornalístico requer muitas das mesmas competências que os meios tradicionais demandam (Stovall, 2004; Quinn, 2005). Até porque, a maioria dos preceitos do Jornalismo é mantida. Todos os estudantes precisam, afinal, cumprir as normas de estilo de redação estabelecidas e possuem prazos para fechamento dos conteúdos, respeitando as questões éticas e deontológicas habituais. As iniciativas acadêmicas estudadas para o presente artigo corroboram essa afirmação ao revelarem que os alunos continuam a desempenhar algumas das funções tradicionais, nas quais incluímos, sobretudo, as de repórteres e editores (geral, de conteúdo e de imagem). Tanto que, no primeiro semestre de 2015, que está servindo enquanto referência central para os dados aqui sistematizados, essas foram as funções exercidas pelos alunos em ambos os meios universitários.

Até aí, não existe qualquer novidade. Afinal, os estudantes continuam a desempenhar e a aprender quase os mesmos papéis de antes. Os experimentos propiciados pelo ambiente acadêmico talvez estejam na possibilidade que os mesmos futuros profissionais possuem de exercer diferentes dessas funções no mesmo semestre. No caso de *IDI26*, não são todos os alunos que conseguiram experimentar as funções de repórteres e editores, mas essa possibilidade foi experimentada por 12 dos 30 alunos (40%, o que pode ser considerado um percentual satisfatório). No caso de *RedaCCiber*, todos (100%) os estudantes que seguem o sistema de experiência prática exercem as funções de redator e responsável de conteúdos, tanto por meio dos textos e trabalhos que têm que elaborar de maneira individual (notícias hiperlinks, vídeos e áudios, crônicas, entrevistas e gêneros de opinião), quanto através daqueles que elaboram obrigatoriamente de maneira colaborativa ou em grupo (reportagem hiperlinks).

Tais constatações evidenciam que, como já previa Machado (2000, p.366), no contexto digital, o mais provável é que, em vez de abolir a divisão entre as diferentes categorias jornalísticas envolvidas no processo, haja uma mescla, mutação ou inversão das funções exercidas antes. Essa é apenas uma das novas competências e habilidades que precisarão ser transmitidas e absorvidas pelos futuros profissionais. Afinal, a dinâmica de produção dos cibermeios universitários analisados se sustenta em técnicas próximas da simulação dos ambientes profissionais, a fim de capacitar os estudantes para que se convertam em jornalistas capazes de trabalhar tanto de modo individual quanto colaborativo.

Nesse sentido, busca-se oferecer aos futuros jornalistas recursos para desenvolver suas habilidades sociais e trabalhar a informação a partir de uma perspectiva cross-media e colaborativa. Esta iniciativa se aproxima da filosofia dos laboratórios de mídias ou “medialabs”, os quais enfatizam a importância de se pensar em vários suportes no momento de circular as informações e estar atento à participação do público no conteúdo (Larrondo, Rivero & Meso, 2014; Jenkins, Ford & Green, 2013).

Para além do intercâmbio entre funções, portanto, é cada vez mais essencial que os jornalistas contemporâneos estejam preparados para lidar com as tecnologias digitais, e tenham uma mentalidade aberta para novas formas de trabalhar, sobretudo no que diz respeito à produção, edição e circulação de conteúdos diferenciados (Pavlik, 2001; López & Otero, 2006; Canavilhas, 2006; Echevarría & Quiroga, 2007; Micó, 2007; Kneipp, 2010). Na área do ciberjornalismo multimídia, as competências necessárias são ainda mais numerosas, já que a transmissão de informações através de diferentes elementos e linguagens implica em um processo mais complexo de elaboração (Salaverría, 2014; Quinn, 2005; Pavlik, 2001).

O problema, entretanto, é que algumas instituições de ensino seguem os padrões antigos ou tradicionais na formação dos alunos, os quais podem ser úteis para fornecer um embasamento aos estudantes, mas são insuficientes para que se exerça o trabalho de um ciberjornalista, bem como para que seja exercitada sua capacidade de experimentação (questão que abordaremos mais adiante).

Isso não significa que precisamos apresentar aos futuros profissionais um ensino técnico ou tecnológico. Até porque, diante da redução do ciclo de vida útil das tecnologias, o mais apropriado é que os alunos recebam uma formação básica sobre o uso das técnicas de produção que os possibilite aprender de maneira autônoma qualquer aplicativo com relativa facilidade depois (Thornton, 2011). Conforme sustentam Machado e Palacios (2007), em vez de uma superespecialização, o estudante deve adquirir a capacidade de se adaptar a uma variedade de funções decorrentes do processo de convergência nos sistemas de produção. Ou seja, precisa compreender processos, planejar ações, interpretar cenários e, mais importante, ser flexível para reagir de forma criativa aos constantes ajustes dos processos produtivos (Boczkowski, 2004).

Foi exatamente esse tipo de papel que constatamos, ao longo do presente artigo, que as experiências de jornalismo digital universitário têm desempenhado na formação de seus estudantes.

No caso de *ID126*, por exemplo, no momento da elaboração de infográficos ao início do semestre, nenhum aluno sabia como produzi-los. Mas, uma das estudantes (Thaís Santos, cujo infográfico apresentamos a seguir) pesquisou na Internet ferramentas gratuitas disponíveis, conseguiu produzir autonomamente esse elemento multimídia e inseri-lo em sua matéria, que configurou enquanto um dos destaques da primeira edição do semestre 2015.1, um dossiê sobre o tema Trabalho.



Figura 1. Infográfico de Thaís Santos para a matéria “Jovens empreendedores já são 530 mil na Bahia”. Disponível em: <http://impressaodigital126.com.br/?p=23177>.

No caso de *RedaCCiber*, enquanto os estudantes costumam encontrar poucos problemas para organizar hipertextualmente as cibernotícias e para elaborar cada uma de suas partes (título, primeiro parágrafo, pirâmide invertida, links adicionais etc), as dificuldades aumentam no momento de gerar reportagens hipertextuais como microsites² de caráter especial ou monográfico (Wix), bem como gráficos interativos (Dipity) ou em movimento (Meograph etc). Mas, em geral, os alunos se sentem motivados e atraídos pela experimentação com essas ferramentas gratuitas, por exemplo, para praticar outras maneiras de narrar crônicas (Storify) ou para desenvolver narrativas visuais e interativas (Thinglink, Dipity, Meograph etc.).

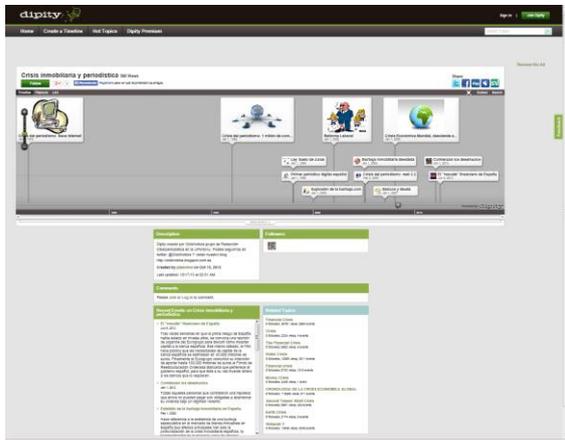


Figura 2. Linha do tempo produzida com Dipity pelos estudantes do grupo “Oído noticia” (<http://oidonoticia.blogspot.com/es/>). Disponível em: <http://www.dipity.com/pdelolmo/Crisis-inmobiliaria/#timeline>



Figura 3. Microsite-reportagens especiais produzidas pelos estudantes dos blogs “El Profeta” e “De Buena Tinta”, respectivamente.

Consideramos que ao desenvolverem as capacidades evidenciadas acima, *ID126* e *RedacCiber* contribuem para o futuro profissional de seus estudantes. Até porque, hoje, é forte e constante a exigência por um jornalista multimídia, polivalente e multifacetado³, dotado de habilidades cada vez mais especializadas (Saad, 2003; Gosciola, 2003; Keirstead, 2005). Conhecimentos básicos de informática, por exemplo, até pouco tempo apontados como um diferencial no currículo, atualmente são fundamentais para que o jornalista poste uma matéria no *site* da instituição para a qual trabalha. No mundo multimídia, é inevitável que os jornalistas precisem cruzar disciplinas e áreas de conhecimento (Keirstead, 2005). Reafirmamos que isso não significa que devem ser superespecializados em todas as áreas (Pulitzer, 2009), e sim que necessitam receber ensinamentos do que é imprescindível saber de determinadas esferas do conhecimento.

A não obrigatoriedade de que sejam especialistas em todas as áreas se justifica, entre outros fatores já mencionados, pelas cada vez mais comuns equipes interdisciplinares e/ou complementares no processo de produção jornalística (Echevarría & Quiroga, 2007). Na era digital, é inegável a importância do jornalista multifacetado, mas são as equipes que se tornam cada vez mais presentes no cotidiano das redações (Quinn, 2005). Nesse cenário, mais importante do que dominar todas as áreas é a integração entre todos os profissionais envolvidos na elaboração dos conteúdos jornalísticos (Ferraz, 2009).

Essa é outra das competências estimuladas no *ID126* e no *RedacCiber*. No *ID126*, a título de ilustração, podemos ressaltar o emprego dessa estratégia no caso das infografias: os alunos que conseguiram desenvolver esses elementos multimídia compartilharam com os colegas as ferramentas encontradas. Porém, essa iniciativa é mais evidente nas questões relacionadas às fotografias: existem alunos com mais competências nessa área, os quais geralmente se encontram dispostos a ajudar os colegas com menos habilidades nesse sentido a produzirem e editarem suas fotos. É comum ainda verificar, durante a aula, alunos com dificuldades na publicação no *WordPress* (plataforma utilizada no *ID126*) conseguirem fazê-lo depois de pedirem ajuda aos colegas e

serem assessorados nas questões específicas de informática. Em *RedaCCiber*, o fato de se trabalhar de maneira colaborativa permite aos estudantes compartilhar com seus companheiros recursos e soluções de caráter mais técnico. A esse respeito, é comum a partilha de informações sobre as plataformas de vídeos (YouTube e Vimeo) e áudios (Ivoox, Goear, Soundcloud etc.) ou sobre o funcionamento do blog (uso de widgets etc.).

Em outras palavras: é fundamental a compreensão, por docentes e discentes, de que um único e/ou mesmo estudante não necessita dominar todas as competências e habilidades de um modo pleno. Precisamos apenas que conheçam questões – em alguns casos, até básicas – de diferentes funções e áreas e, principalmente, dialoguem e troquem experiências com os demais futuros profissionais. Devemos, em consonância com Jenkins (2008), descobrir e aprender como – e por que – grupos com diferentes formações podem se ouvir e trabalhar juntos em prol de um produto jornalístico de qualidade.

3. INTEGRAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Nas palavras de Pulitzer (2009:50), é preciso saber, no jornalismo atual, “pensar direito, pensar rápido, pensar incessantemente e intensamente”. Ensinar a pensar passa a ser, desse modo, uma prerrogativa tão ou mais importante que ensinar as técnicas jornalísticas, fazendo com que os estudantes compreendam que o que qualifica um conteúdo não são as máquinas, e sim cérebros (Pulitzer, 2009; Castells, 2003).

Tanto que uma das atividades mais complexas para os jornalistas contemporâneos é a apuração, na medida em que, para selecionar as informações, esses profissionais precisam de conhecimentos não necessariamente relacionados às novas tecnologias. Isto é, o jornalismo continua a depender da reflexão, uma barreira qualitativa que não foi nem será rompida, pois é intrínseca ao exercício dessa atividade (Masip, 2008).

Conforme ressalta Deuze (2004), embora a linguagem multimídia seja muitas vezes entendida como uma questão

tecnológica, o que, na verdade, espera-se dos jornalistas é que sejam capazes de primeiro pensar cruzando os meios de comunicação e, apenas depois, que dominem o *hardware* ou *software*. Sodré (2009) sustenta que a grande diferença entre os jornalistas tradicionais e os que trabalham no ciberespaço não se refere ao uso das tecnologias digitais, mas ao estabelecimento de outra forma de pensar, a qual decorre do emprego da multimídia, da interatividade e da hipertextualidade.

O problema, entretanto, do ensino atual de jornalismo é que, independente da dimensão ou da estrutura da universidade, está tradicionalmente voltado para o treinamento prático, de um lado, e para a educação conceitual, de outro. O equilíbrio entre os conhecimentos práticos e conceituais persiste enquanto um desafio para os programas de jornalismo em diversas instituições de ensino do mundo (Deuze, 2008; Mensing, 2011; Tótar, 2008).

As experiências acadêmicas de jornalismo digital, portanto, podem se constituir enquanto alternativas para essa conjuntura, por meio da busca pela integração entre teoria e prática no desenvolvimento das atividades das disciplinas às quais estão agregadas. Em COM126 – Oficina de Jornalismo Digital, disciplina à qual o *ID126* encontra-se vinculado, além da etapa de elaboração do produto laboratorial, são ministradas aulas teóricas no primeiro mês do semestre. Com isso, a intenção é garantir que o processo de produção leve em conta questões conceituais do jornalismo multimídia. Tanto que os objetivos que constam na ementa da disciplina são os seguintes:

A disciplina alia teoria e prática. Busca fornecer compreensão acerca dos processos e fundamentos da apuração, redação, edição e (re)circulação de conteúdos jornalísticos em meios digitais. Atenção será dada para os aspectos relacionados à convergência jornalística e para o estado da arte das publicações on-line brasileiras e estrangeiras. De acordo com a ementa, prevê:

- análise das práticas discursivas, das narrativas, dos gêneros, dos distintos formatos para os conteúdos e dos variados produtos jornalísticos digitais;

- compreensão dos aspectos conceituais relacionados à produção jornalística na web, nas redes sociais e nos dispositivos móveis (celulares/smartphones, tablets);

- experimentação com a linguagem hipertextual/hipermídia, com técnicas para a redação, com recursos e ferramentas para a criação de conteúdos jornalísticos;

- aplicação do conhecimento apreendido na execução e na alimentação do produto laboratorial vinculado à disciplina, o ID126. Para tanto, os alunos trabalharão no planejamento, produção, apuração, redação, revisão, edição dos conteúdos, bem como na etapa da divulgação do produto.

A ferramenta prática *RedaCCiber* foi concebida em função das competências que os cursos em Comunicação da UPV/EHU buscam nos futuros jornalistas, como comunicadores polivalentes capazes de produzir conteúdos para qualquer formato ou suporte.

Desta maneira, *RedaCCiber* oferece conhecimentos específicos e, ao mesmo tempo, complementa aqueles que os estudantes adquirem através de outras matérias como: Redação Informativa em Imprensa (primeiro período), Tecnologia do Jornalismo e Redação Informativa em Rádio e em Televisão (segundo período), e Edição e Produção Multimídia, Princípios do *Design* Jornalístico, Fotojornalismo e Jornalismo Social e Participativo na Internet (terceiro período).

Se pretende que al finalizar la asignatura los estudiantes hayan adquirido los siguientes conocimientos o competencias:

- Familiarizarse con el ecosistema mediático de Internet y el contexto profesional en el que el redactor desarrolla su actividad.

- Asimilar las particularidades del estilo ciberperiodístico y las características básicas del lenguaje de los cibermedios para comprender su

impacto en la evolución de los géneros básicos del periodismo.

- Distinguir las distintas posibilidades de composición del mensaje ciberperiodístico en función del recurso de la hipertextualidad y la multimedialidad.

- Comprender los mecanismos narrativos de la escritura hipertextual y la función retórica de los enlaces, como elemento clave de la redacción periodística en Internet.

- Elaborar relatos periodísticos adaptados a los aspectos formales y de contenido de los géneros que se emplean en el ciberperiodismo (búsqueda de información, tratamiento del tema y enfoque, concreción del estilo, estructura narrativa y la elaboración final)

-Desarrollar habilidades para el trabajo colaborativo y la producción de contenidos multiplataforma y multimedia.

-Conocer –para poder así evitar– los principales errores de la redacción escrita.

É verdade que existem obstáculos de ordens distintas para a concretização desses objetivos apontados anteriormente. De qualquer forma, nossa pretensão aqui é ressaltar a importância da integração entre teoria e prática enquanto um dos esforços para que tais desafios e limitações sejam transpostos. Até porque, hoje, a Internet oferece soluções para superar essas problemáticas, visto que tem se constituído como uma importante aliada no processo de ensino, pesquisa e extensão dos cursos de graduação em jornalismo.

A intenção do presente artigo, portanto, é evidenciar como os ambientes acadêmicos de jornalismo digital e multimídia podem superar um modelo de ensino que até então era meramente concebido como uma aula em que se repassava conhecimento teórico ou prático, sem qualquer diálogo entre essas dimensões.

4. BUSCA PELA EXPERIMENTAÇÃO E INOVAÇÃO

As tecnologias digitais de comunicação trouxeram consigo múltiplas possibilidades, proporcionando aos futuros jornalistas recursos e ferramentas para experimentação e inovação quase que permanentes (Tourinho, 2010; Pavlik, 2008; Peticca, 2005). Hoje, a criatividade e a originalidade são praticamente exigências, constituindo-se enquanto elementos imprescindíveis ao processo de produção jornalística, não apenas no que se refere aos aspectos tecnológicos, mas – talvez principalmente – no que diz respeito à elaboração de conteúdos diferenciados; até porque não se tratam de questões excludentes (Brittos & Bolaño, 2007; Sodré, 2008; Brasil, 2002; Briggs & Burke, 2004).

  fundamental, entretanto, termos cautela ao abordarmos essa temática, na medida em que, hoje, a demanda permanente pelo “sempre novo” tem feito com que não necessariamente emergja o “sempre original”: em vez disso, repete-se o “sempre velho” apenas com uma nova embalagem. Brittos e Bolaño (2007) destacam que as inova es contemporâneas podem representar, ao mesmo tempo, a continuidade do processo de exclusão ou a abertura para a inclusão. Nesse sentido, o mais relevante   o esforço de fazer com que as inova es representem, acima de tudo, um acréscimo de qualidade a todas as esferas em que se inserem.

O problema   que, hoje, no ciberespaço, muitos dos conteúdos são quase iguais, o que não significa que exista uma fórmula mais adequada, e sim que o medo de inovar tem gerado uma repeti o das fórmulas bem-sucedidas. Em algumas experiências acadêmicas de jornalismo digital, embora a expectativa seja por um rompimento desse cenário,   comum que essa problemática se repita, com docentes inibindo exemplo, em prol da produ o de um jornalismo exemplo, em prol da produ o de um jornalismo nos moldes do mercado. Com isso, não afirmamos que os preceitos do jornalismo tradicional não devem ser ensinados e transmitidos aos alunos; consideramos, todavia, que   preciso oferecê-los têm também liberdade e autonomia para realizarem experimentos.

É nesse sentido que o *ID126* e o *RedaCCiber* têm apresentado estratégias interessantes. No *ID126*, ao longo do primeiro semestre de 2015, foram produzidas diversas matérias que utilizaram formas narrativas diferenciadas. Geralmente, os repórteres desses conteúdos buscavam uma abordagem mais literária, o que consideramos um diferencial e uma possibilidade de experimentação que não foi tolhida. Alguns dos colegas estranharam a estrutura narrativa, sobretudo os editores de texto. Mas, a intenção foi conferir liberdade criativa e autonomia aos autores, bem como evidenciar e demonstrar aos seus colegas que existiam outras possibilidades de estruturação do conteúdo jornalístico. A seguir, ilustramos essa questão com o início de duas das matérias circuladas dentro dessa lógica narrativa mais experimental, assinadas por Ygor Bahia e Diogo Costa.



Figura 4. Matérias de Ygor Bahia e Diogo Costa, disponíveis, respectivamente, em: <http://imprensaodigital126.com.br/?p=23667> e <http://imprensaodigital126.com.br/?p=24009>

Os exercícios práticos elaborados pelos alunos de *RedaCCiber* permitem que experimentem com distintos tipos de narrativas de utilidade no âmbito dos cibermeios. Assim, junto com a narração hipermediática praticada através dos gêneros notícia e reportagem (microsite especial), os estudantes empregam a linguagem audiovisual para elaborar videonotícias, videorreportagens e todo tipo de material audiovisual complementar. A página a seguir (Figura 5) reúne uma amostra de alguns desses vídeos, como o realizado pelos estudantes do blog “Makalayo”⁴. Os alunos também praticaram com narrativas visuais mais simples, como uma espécie de *slideshow* com fotografias em movimento e som⁵.

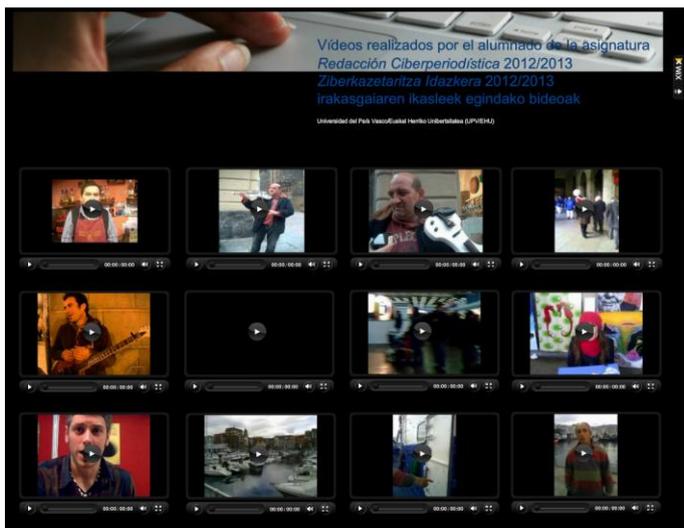


FIGURA 5. Seleção de vídeos realizados pelos alunos de *Redacción Ciberperiodística*, para a elaboração de suas informações (Período 2012/2013).

Disponível em: <http://ainaralu.wix.com/rc2012>.

Esse processo de experimentação nos produtos universitários de jornalismo digital, entretanto, requer cuidados, na medida em que, nem sempre, a inovação é benéfica. Fidalgo (2001) alerta que o ideal é não adotar posições radicais: nem manter tudo igual, pois o ciberjornalismo significaria somente mais do mesmo; nem modificar tudo, pois, para fazer um novo jornalismo, é essencial conhecer e dominar princípios e práticas do jornalismo tradicional. Ou seja, a experimentação deve coexistir com as formas narrativas clássicas. Pulitzer (2009:51) corrobora essa perspectiva defendendo que as inovações surgem de ideias velhas aplicadas a novas situações, tanto que “nenhum de nós pode esperar ser original. Nós simplesmente tomamos emprestado do grande acervo de velhas ideias aquelas que se adequam a nossos propósitos”.

Não desejamos afirmar aqui, é claro, que as tecnologias devam ser empregadas para preservar práticas antigas. Em vez disso, ressaltamos a cautela necessária de modo que as inovações não emerjam aleatória ou indiscriminadamente, e sim enquanto tentativas de agregar qualidade aos conteúdos. Essa é uma preocupação ainda mais válida para o jornalismo digital produzido no âmbito acadêmico. Como propõe Brasil (2002:201), essa seria uma das soluções mais indicadas para o aprimoramento dos produtos laboratoriais universitários: “experimentar novas linguagens e pesquisar novas técnicas significa ousar e até errar, mas procurando sempre criar e inovar, funções primordiais da instituição universitária”.

A capacidade e a busca constante pela experimentação e pela inovação – embora não sejam sempre, tampouco plenamente alcançadas nas iniciativas universitárias de jornalismo digital – já são competências valorizadas pelos docentes e oferecidas (e, em geral, absorvidas) aos estudantes.

Com isso, acreditamos que são indicados novos cenários e possibilidades a esses futuros jornalistas, os quais passam a ter o potencial de gerar produtos e processos jornalísticos diferenciados, sobretudo no âmbito multimídia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados alcançados e sistematizados ao longo do presente artigo já oferecem perspectivas diferenciadas para o ensino-aprendizagem e para a produção do Jornalismo Digital nos ambientes universitários. O contexto aponta para a tentativa dessas experiências acadêmicas não apenas de explorar e incorporar as possibilidades multimídia aos conteúdos, mas também de contribuir para a formação de profissionais mais preparados e criativos para lidar com o ciberespaço.

É preciso, contudo, realizarmos algumas ressalvas. A primeira delas é que o potencial multimídia oferecido pelas fotografias, infográficos e materiais com imagem em movimento e som (audiovisuais) nem sempre é explorado. Afinal, a experimentação, principalmente no âmbito da multimídia, pressupõe altos e diversos tipos de investimentos (Meyer, 2007), o que faz com que as inovações continuem sendo mais realizadas nas grandes organizações jornalísticas que nos meios alternativos, os quais não dispõem de recursos expressivos (Vilches, 2009).

Isso é uma realidade, sobretudo, quando consideramos os elementos multimídia mais rebuscados, como os materiais audiovisuais. Levantamos dados quantitativos com relação ao emprego dos principais recursos multimídia nos conteúdos do *IDI26* e do *RedacCiber* no primeiro semestre de 2015. No cibermeio universitário brasileiro, as fotografias (79%) são os recursos multimídia mais utilizados, seguidos dos infográficos (16%) e dos materiais audiovisuais (5%).

Imprescindível ressaltar o percentual bastante reduzido de vídeos, evidenciando a dificuldade dos alunos para postarem tipo de elemento multimídia; ainda que, assim como acontece no cibermeio espanhol, os estudantes disponham de canais no *YouTube* para dinamizar esses conteúdos audiovisuais. No caso de *RedaCCiber*, as fotografias permanecem predominantes (50%); mas são seguidas pelos materiais audiovisuais (40%) e, apenas depois, aparecem os infográficos (10%). Na experiência acadêmica, portanto, a produção de vídeos supõe uma porcentagem mais expressiva e as infografias passam a constituir o elemento menos utilizado pelos estudantes.

Elencar e sistematizar as razões desses resultados iria requerer uma pesquisa mais aprofundada do que a empreendida aqui (mas que, de todo modo, aponta para possíveis desdobramentos do presente artigo). Porém, com base nos dados coletados por hora, podemos assinalar enquanto motivos cabíveis e prováveis para esse afastamento dos alunos com relação aos elementos multimídia mais rebuscados: a) a dificuldade para terem acesso a equipamentos que produzam tais conteúdos, sobretudo os audiovisuais, com qualidade; b) constrangimentos de tempo para produção (incluindo gravação e edição, no caso dos vídeos; e c) limitações quanto aos conhecimentos técnicos dos *softwares* de edição desses materiais.

Apesar dessas barreiras, acreditamos que as experiências acadêmicas de Jornalismo Digital têm o potencial de funcionarem enquanto espaços laboratoriais efetivos, onde além da possibilidade de acesso às teorias e técnicas predominantes no mercado, podem ser experimentadas e testadas linguagens, processos, tecnologias e aplicativos, sobretudo no campo do ciberjornalismo (Machado, 2007).

Reconhecemos que ainda há um longo caminho a ser percorrido, a fim de disponibilizar e transmitir outras muitas competências necessárias aos futuros profissionais. De qualquer maneira, já notamos que iniciativas relevantes estão sendo desenvolvidas no sentido de formar jornalistas capazes de desempenhar múltiplas funções, de integrar teoria e prática e de experimentar com o objetivo de produzir um jornalismo digital e multimídia mais inovador.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALSINA, Miquel Rodrigo. 2009. **A Construção da Notícia**. Vozes. Petrópolis (Brasil).
- BARBOSA, Suzana et al. 2013. “A atuação jornalística em plataformas móveis: estudo sobre produtos autóctones e a mudança no estatuto do jornalista”. **III Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no Jornalismo**. UFRN. Natal (Brasil).
- BOCZKOWSKI, Pablo. 2004. **Digitizing the news: innovation in online newspapers**. MIT Press (EUA).
- BRASIL, Antônio. 2002. **Telejornalismo, Internet e guerrilha tecnológica**. Ciência Moderna. Rio de Janeiro (Brasil).
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. 2004. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Jorge Zahar. Rio de Janeiro (Brasil).
- BRINATI, Francisco; GUIMARÃES, Michelle. 2009. **TVs Universitárias como Espaço para a Prática do Jornalismo Público**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba. Paraná (Brasil).

- BRITTOS, Valério; BOLAÑO, César. 2007. **A Televisão Brasileira na Era Digital**. Paulus. São Paulo (Brasil).
- CALLIGARO, Donesca. 2009. **TVs universitárias: em busca de identidade e autonomia financeira**. Disponível em: <http://migre.me/rdCHO>. Consultado em: 04/11/2009.
- CANAVIDAS, João. 2006. “Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança”. **Comunicação e Sociedade**, vol. 9-10, pp. 113-119, (Portugal).
- CARABALLO, Cristian. 2013. “Nuevas narrativas en las tics: la producción informativa audiovisual en Internet”. In: IRIGARAY, Fernando; CEBALLOS, Dardo; MANNA, Matias (Eds.). **Webperiodismo en un ecosistema líquido**. pp.129-143. Laborde. Rosario (Argentina).
- CASTELLS, Manuel. 2003. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Jorge Zahar. Rio de Janeiro (Brasil).
- DEUZE, Mark. 2004. “What is Multimedia Journalism?” **Journalism Studies**, Vol. 5, n. 2, pp.139–152, (Reino Unido).
- DEUZE, Mark. 2008. “Journalism Education in an Era of Globalization”. In: LÖFFELHOLZ, Martin; WEAVER, David (orgs.). **Global Journalism Research: theories, methods, findings, future**. pp.267-281. Blackwell Publishing Ltd (Reino Unido).
- DOMÍNGUEZ, Ramona. 2015. “Periodismo Multiplataforma. Cambio de época: la revolución de la sociedad de la información”. In: IRIGARAY, Fernando (Ed.). **Reflexiones móviles: el periodismo en la era de la movilidad**. pp.9-20. UNR Editora. Rosario (Argentina).

- ECHEVARRÍA, Mirta; QUIROGA, Ana. 2007. “Periodismo en línea: lo institucional y las prácticas profesionales”. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (orgs.). **O Ensino do jornalismo em redes de alta velocidade**. pp.23-38. EDUFBA. Salvador (Brasil).
- FERRAZ, Carlos. 2009. “Análise e perspectivas da interatividade na TV Digital”. In: SQUIRRA, Sebastião e FECHINE, Yvana (orgs.). **Televisão Digital**. pp.15-43. Sulina. Porto Alegre (Brasil).
- FIDALGO, António. 2001. **O ensino do jornalismo no e para o século XXI**. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/fidalgo-antonio-ensino-jornalismo-internet.pdf>. Consultado em: 27/02/2010.
- GOSCIOLA, Vicente. 2003. **Roteiro para as Novas Mídias**. Senac. São Paulo (Brasil).
- GUTSCHE JR., Robert. 2011. “Missing the Scoop: Exploring the cultural and sociological influences of news production upon college student journalists”. In: FRANKLIN, Bob; MENSING, Donica (Ed.). **Journalism Education, training and employment**. pp. 63-77. Routledge. New York (EUA).
- JENKINS, Henry. 2008. **Cultura da convergência**. Aleph. São Paulo (Brasil).
- JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. 2013. **Spreadable Media: Creating value and meaning in a networked culture**. New York University Press. New York (EUA).
- KEIRSTEAD, Philip. 2005. **Computers in broadcast and cable newsrooms: using technology in television news production**. Lawrence Erlbaum Associates. New Jersey (EUA).

- KNEIPP, Valquíria. 2010. “60 anos de formação do profissional de telejornalismo no Brasil”. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (Orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil**. pp. 251-278. Insular. Florianópolis (Brasil).
- LARRONDO, Ainara; RIVERO, Diana; MESO, Koldo (2014). “Metodologías para la formación de los (ciber)periodistas. La simulación de entornos profesionales convergentes y 2.0”. In: Fombona, Javier y Caldevilla, David (Coords.). **Nuevas formulaciones de los contenidos docentes**. pp.327-336. Ediciones Universitarias McGraw-Hill. Madrid (Espanha).
- LÓPEZ, Xosé; OTERO, Marita. 2006. “Ciberperiodismo: de la niñez a la mayoría de edad”. In: LÓPEZ, Xosé (org.). **Sistemas digitales de información**. pp.1-26. Pearson Educación. Madrid (Espanha).
- MACHADO, Elias. 2007. “O ensino de jornalismo em tempos de ciberespaço”. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (orgs.). **O Ensino do jornalismo em redes de alta velocidade**. pp.11-22. EDUFBA. Salvador (Brasil).
- MACHADO, Elias. 2000. **La estructura de la noticia en las redes digitales**. Tese de doutorado em Jornalismo e Ciências da Comunicação. Universidade Autônoma de Barcelona. Orient.: Miquel Rodrigo Alsina.
- MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (orgs.). 2007. **O Ensino do jornalismo em redes de alta velocidade: metodologias & software**. EDUFBA. Salvador (Brasil).
- MASIP, Pere. 2008. **Internet a les redaccions**. Trípodos. Barcelona (Espanha).

- MENSING, Donica. 2011. “Realigning Journalism Education”. In: FRANKLIN, Bob; MENSING, Donica (Ed.). **Journalism Education, training and employment**. pp. 15-32. Routledge. New York (EUA).
- MEYER, Philip. 2007. **Os jornais podem desaparecer? Como salvar o jornalismo na era da informação**. Contexto. São Paulo (Brasil).
- MICÓ, Josep Lluís. 2007. **Informar a la TDT: notícies, reportatges i documentals a la nova televisió**. Serveis de Publicacions Universidad Ramon Llull. Barcelona (Espanha).
- PASE, André Fagundes. 2008. **Vídeo online, alternativa para as mudanças da TV na cultura digital**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Tese (doutorado em Comunicação Social). Orient: Márgda Rodrigues da Cunha (Brasil).
- PAVLIK, John. 2001. **Journalism and new media**. Columbia University. New York (EUA).
- PAVLIK, John. 2008. **Media in the digital age**. Columbia University. New York (EUA).
- PETICCA, Sara. 2005. **Il giornale on line e la società della conoscenza**. Rubbettino (Itália).
- PULITZER, Joseph. 2009. **A escola de jornalismo na universidade de Columbia – o poder da opinião pública**. V.3. Insular. Florianópolis (Brasil).
- QUINN, Stephen. 2005. **Convergent journalism: the Fundamentals of multimedia reporting**. Peter Lang Publishing. New York (EUA).
- RINCÓN, Omar (org.). 2002. **Televisão pública: do consumidor ao cidadão**. Projeto Latino-americano de meios de comunicação. São Paulo (Brasil).

- SAAD, Beth. 2003. **Estratégias para a mídia digital**. Senac. São Paulo (Brasil).
- SALAVERRÍA, Ramón. 2014. “Multimedialidade: informar para cinco sentidos”. In: CANAVILHAS, João (Org.). **WebJornalismo: 7 características que marcam a diferença**. pp.25-51. LabCom. Covilhã (Portugal).
- SODRÉ, Muniz. 2009. **A Narração do Fato**. Vozes. Petrópolis (Brasil).
- SODRÉ, Muniz. 2008. **Antropológica do espelho – uma teoria da comunicação linear e em rede**. Vozes. Petrópolis (Brasil).
- SOUSA, Jorge Pedro. 2004. **Desafios do ensino universitário do jornalismo ao nível da graduação no início do século XXI**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-desafios-do-jornalismo.pdf>. Consultado em: 27/02/2010.
- STOVALL, James. 2004. **Web journalism: practice and promise of a new medium**. Pearson Education, (EUA).
- THORNTON, Leslie-Jean. 2011. “The changing role of internships as newsrooms shrink and evolve: collaboration and intern-as-teacher”. In: FRANKLIN, Bob; MENSING, Donica (Ed.). **Journalism Education, training and employment**. pp.130-142. Routledge. New York (EUA).
- TÓTARO, Valéria. 2008. “A Teoria da Contingência e a conexão entre os Cursos de Comunicação e os Sindicatos dos Jornalistas: teoria e prática no ensino de Jornalismo”. In: FENAJ (Org.). **Formação superior em Jornalismo**. pp.63-68. FENAJ. Florianópolis (Brasil).

- TOURINHO, Carlos. 2010. “Telejornalismo: Em busca de um novo paradigma”. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Vol. 7, no. 1, pp. 19-29 (Brasil).
- VILCHES, Lorenzo. 2009. “Televisión Digital: entre la esperanza y el exceptismo”. In: SQUIRRA, Sebastião e FECHINE, Yvana (orgs.). **Televisão Digital**. pp.157-173. Sulina. Porto Alegre (Brasil).
- YIN, Robert. 2005. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3ªed. Bookman. Porto Alegre (Brasil).

¹ Este trabalho foi realizado no marco do projeto “*Audiencias activas y periodismo. Análisis de la calidad y la regulación de los contenidos elaborados por los usuarios*” (CSO2012-39518-C04-03), financiado pelo *Ministerio de Economía y Competitividad* de España. O trabalho também faz parte da produção científica dos grupos consolidados GIU13/13 da UPV/EHU e GJOL da UFBA.

² Os microsites ou especiais supõem um macroprojeto informativo em que os alunos colocam em prática os requisitos clássicos de rigor, interesse e enfoque jornalístico, além de enfrentar o desafio de saber selecionar, em cada momento, qual é a linguagem mais adequada para transmitir o que se quer contar. Nesse sentido, os estudantes devem aprender a maximizar as possibilidades oferecidas pelos meios digitais, nos quais os discursos adotam novas formas, algumas delas derivadas do uso simples de ferramentas e aplicações como *Tumblr*, *Storify*, *Dipity*, *Piktochart*, *Meograph* etc. Cabe indicar que as reportagens ou microsites especiais apresentam custos particularmente altos, porque, além de incluir grande quantidade de conteúdos em distintos gêneros e formatos (texto, fotografias, vídeos, áudios, gráficos etc.), com um enfoque informativo monotemático e em profundidade, requerem um esforço adicional de organização, documentação e planejamento hipertextual coerente, em comparação com as reportagens dos meios impressos e audiovisuais.

³ Enquanto jornalista multifacetado, compreendemos aquele que, para além de conhecer aspectos técnicos ou tecnológicos, apreende os potenciais de todas as mídias. Afinal, para aproveitar as possibilidades da era digital no gerenciamento do fluxo de informações e na elaboração de conteúdos jornalísticos diferenciados, é necessário capitalizar as forças de cada meio (Quinn, 2005).

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QNn6exM4uRE>.

⁵ Disponível em: <http://www.meograph.com/mariabasa/167325/la-muerte-de-franco>



**UNIVERSIDAD
DEL ZULIA**

opción

Revista de Ciencias Humanas y Sociales

Año 32, N° 80, 2016

Esta revista fue editada en formato digital por el personal de la Oficina de Publicaciones Científicas de la Facultad Experimental de Ciencias, Universidad del Zulia.
Maracaibo - Venezuela

www.luz.edu.ve

www.serbi.luz.edu.ve

produccioncientifica.luz.edu.ve